



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 18 | Nº. 34 | Jan./Jun. de 2026

Túlio Henrique Pereira

Universidade Regional do Cariri / URCA

tulio.henrique@urca.br

Débora de Lima Santana

Universidade Regional do Cariri / URCA

debora.santana@urca.br

Joyce Luanna Feitosa Felizardo

Universidade Regional do Cariri / URCA

joyce.felizardo@urca.br

REPRESENTAÇÕES RACIAIS NA CULTURA VISUAL: a imprensa ilustrada do cariri cearense.

RESUMO

Este ensaio apresenta dados preliminares de uma pesquisa sobre as primeiras evidências de jornais impressos ilustrados no Ceará, com foco nas representações corporais e raciais na cultura visual do Cariri. Foram analisados os periódicos *Gazeta Cearense* (1829-1892), *O Araripe* (1855-1864) e *A Voz da Religião* (1868-1870). A metodologia envolveu análise documental e leitura comparativa de acervos da Biblioteca Nacional e do CEDOCC/URCA. Os resultados indicam como a imprensa ilustrada construiu imagens sociais e raciais, especialmente sobre a população negra.

Palavras-chave: Imprensa ilustrada; Representações; Raça; Cariri Cearense.

ABSTRACT

This essay presents preliminary research data on the earliest illustrated printed newspapers in Ceará, focusing on racial and bodily representations in the visual culture of the Cariri region. The study examines *Gazeta Cearense* (1829-1892), *O Araripe* (1855-1864), and *A Voz da Religião* (1868-1870). Using document analysis and comparative reading from the National Library and CEDOCC/URCA archives, the research reveals how illustrated media constructed social and racial images, particularly of Black people.

Keywords: Illustrated press; Representations; Race; Cariri region of Ceará.

Introdução¹

A corporeidade e o corpo podem se estabelecer como categorias conceituais distintas (Martins, 2020; Le Breton, 2023), aglutinadoras ou como afirmações positivas da ideologia do pensamento sobre a negritude (Rocha, 2024). Muito comuns na sociologia e nas ciências antropológicas, é na arte que o corpo produz movimento e percepções cosmológicas. Os termos corporeidade e negritude, portanto, são operados na história apenas a partir das implicações experienciadas pelos sujeitos históricos, sem considerar a dimensão complexa que os conceitua na experiência do vivido. No entanto, buscamos aqui redimensionar os sentidos atribuídos ao corpo e à corporeidade, a partir do questionamento e da leitura das representações corporais da conjuntura negra ao longo do processo histórico brasileiro, percebidas a partir das identidades construídas para esse coletivo.

Pesquisas voltadas para as visualidades, em que a corporeidade se apresenta de forma secundária, ainda se ancoram em referências estrangeiras, especialmente de autores franceses e alemães, como David Le Breton, Georges Didi-Huberman, Philippe-Alain Michaud, Aby Warburg, Georges Vigarello, entre outros.

No Brasil, corpo e corporeidade são temáticas discutidas no campo da sociologia e das artes, especialmente na dança, na música e na performance, destacando-se nomes como Julio Cesar de Tavares e Leda Maria Martins. Na antropologia, o corpo e a corporeidade assumem a dimensão da negritude, ao discutirem raça, racismo e as patologias que acometem os sujeitos atravessados por essas questões; bem como as mestiçagens, o hibridismo, a linguagem e o colorismo. Destacam-se, nesse campo, Neusa Santos Souza, Kabengele Munanga, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Cida Bento.

Uma das proposições para estabelecer a discussão sobre o corpo e a corporeidade na história se dá a partir da visualização da imagem figurativa dos tipos de negros nos impressos ilustrados produzidos no Brasil. Nesse tema, destaca-se a tese *Que coisa é essa, Yôyô? Cor e raça na imprensa ilustrada da Bahia (1897-1904)*, que realiza uma investigação panorâmica na imprensa baiana sobre os modos de representar a corporeidade negra nos primórdios da imprensa

¹ O texto é um desdobramento do projeto de doutoramento.

ilustrada na Bahia, perpassando marcos centrais da produção visual corpórea elaborada por viajantes em missão de estudos no Brasil, como Jean-Baptiste Debret, Nicolas Antoine Taunay, Auguste Marie Taunay, Marc Ferrez, Frans Post, Albert Eckhout e Johann Moritz Rugendas.

No entanto, é de nosso interesse compreender como essas representações corporais ressoaram na imprensa ilustrada de diferentes regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí e Ceará. Interessa-nos observar como as imagens foram construídas a partir de referenciamentos estrangeiros, como as politípias, as figuras de caixa e até mesmo os padrões europeus produzidos por Angelo Agostini.²

Embora os gravuristas do interior do Brasil tenham sido lidos como regionalistas, suas ilustrações, desenhos e grafismos tenham sido acusados de copiar os estilos hegemônicos dos europeus no Brasil, consideramos que eles imprimiram peculiaridades em seus traços, conferindo a essas reproduções modos de ressignificar e representar o corpo e a corporeidade negra, que passou a ser representada no contexto nacional para além da recorrente representação das cabeças de negros.

Na Bahia, destacaram-se dois gravuristas negros responsáveis por construir representações negras na imprensa ilustrada: Arthur Arezio da Fonseca e Fortunato Soares dos Santos, no início do século XX. Já nas artes plásticas, sobressai o nome de Antônio Rafael Pinto Bandeira, artista niteroiense do final do século XIX.

A proposta deste ensaio, no entanto, não se volta para o aspecto meramente visual das gravuras, mas busca apresentar dados preliminares de uma pesquisa de iniciação científica intitulada *Imprensa ilustrada e as questões raciais na Cultura Visual do Cariri cearense*, cujo objetivo principal foi realizar o levantamento das primeiras evidências de jornais ilustrados no estado do Ceará, de modo que fosse possível observar e compreender, de forma qualitativa e comparativa, as memórias, os modos de produção e as representações corporais

² Uma após a outra, essas imagens parecem repetir um modo de fazer e de olhar. Trata-se de um conjunto de pequenas imagens confeccionadas em larga escala, respeitando uma padronização com motivos genéricos, reproduzidas em grande quantidade. Também conhecidas por vinhetas, imagens de caixa ou politípagens. A produção de uma imagem ou um conjunto de politípagens se dá pela duplicação e multiplicação da prancha politípica, para desse modo obter-se um grau múltiplo de uma mesma imagem (Pereira, 2016).

racializadas presentes na cultura visual da imprensa ilustrada da região do Cariri cearense.

Participaram dessa primeira fase da pesquisa, com duração de 10 meses, as alunas Brenda Iza Nascimento de Oliveira, Débora de Lima Santana e Joyce Luanna Feitosa Felizardo, todas à época, graduandas do curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Neste projeto, nos centramos na apresentação dos jornais *Gazeta Cearense* (1829–1892), *O Araripe* (1855–1864) e *A Voz da Religião* (1868–1870). Esses impressos compõem as primeiras evidências da imprensa ilustrada no Ceará e, ainda que não apresentem conjunto significativo de figurações corporais, exibem florões e grafismos que os inserem na dimensão de jornais ilustrados.

Pequeno panorama da imprensa no Brasil

O repertório iconográfico difundido pela imprensa ilustrada no Brasil tem início com pequenas vinhetas de caixa encomendadas da França e de Portugal. A dificuldade em se produzir imagens no Brasil acompanha a inauguração da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, no Rio de Janeiro, e segue com o surgimento de tipografias na Bahia (1811), Pernambuco (1815), Maranhão e Belém do Pará (1822) e Ceará (1824) (Lehmkuhl; Pereira, 2016). As imagens, tanto visuais quanto abstratas, são responsáveis por criar identificações, referenciamentos, padrões de gosto e empatia nas sociedades.

Em 1816, Dom João VI, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, fundou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Em 1826, a Escola passou a ter um prédio próprio e se tornou a Academia Imperial de Belas Artes, cujo objetivo era formar pintores capazes de criar um conjunto de imagens (iconografia) que definisse a identidade nacional e histórica do Brasil.

No ano de 1838, foi criado, também no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB). O Império contratou o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen para elaborar uma história nacional alinhada aos princípios da moral judaico-cristã.

Juntos, a Academia Imperial de Belas Artes e o IHGB desenvolveram um conjunto de textos e imagens que edificaram os princípios da moral cristã e exaltaram os valores europeus, formando padrões de gosto inspirados nos modelos

neoclássico e romântico. Estabeleceu-se, assim, o desejo de afirmar o eurocentrismo e de elevar a branquitude como ideal de estética e civilidade. Embora, inicialmente, o modelo indígena tenha sido tomado como referência, não havia a valorização de representações negras, a menos que estas estivessem vinculadas ao mundo do trabalho, retratadas como malvestidas, acorrentadas e de pés descalços no chão.

Pessoas negras (pretas e pardas) e indígenas não podiam servir como modelos para os pintores da Academia de Belas Artes. Todavia, podiam aprender a arte da pintura.

O linguista holandês Teun A. van Dijk, no livro *Discurso e Poder* (2008), analisa como as elites simbólicas formulam discursos que geram estruturas de poder dentro da sociedade, com destaque para o discurso midiático veiculado pelos meios de comunicação. Van Dijk conclui que as elites simbólicas, aquelas que detêm o privilégio de acesso aos discursos públicos, também possuem o poder de controlar a reprodução discursiva da dominação social. Mais especificamente, o autor concentra seus estudos no abuso de poder, ou seja, quando essa dominação resulta em desigualdade e injustiças sociais.

Segundo o autor, o poder se efetiva na sociedade por meio de três mecanismos: o controle do contexto, o controle do discurso e o controle da mente. O controle é definido como o domínio sobre as ações de outros. Quando esse controle é exercido em benefício de quem detém o poder e em detrimento daqueles que são subjugados, essa relação é classificada como abuso de poder. Na mídia, esse controle pode ser operacionalizado por meio do “controle da mente”, devido à vasta capacidade de influenciar a percepção das pessoas por meio de mensagens aparentemente direcionadas a um grupo específico; criando, assim, a ilusão de liberdade e levando os telespectadores a acreditarem em uma falsa resistência à manipulação midiática (Van Dijk, 2008).

Não obstante, o abuso de poder e o poder simbólico são manifestações do acesso preferencial ao discurso público, exercido por políticos, jornalistas, diretores empresariais e donos de conglomerados de mídia, definidos como detentores do controle da produção discursiva e do gerenciamento das mentes do público.

A linguagem utilizada na mídia é construída com o intuito de persuadir o espectador ao consumo de informações e produtos, apresentando como

característica essencial um discurso especializado. O fundamento dessa afirmação encontra-se na teoria de Teun A. van Dijk.

Se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar. Se eventos comunicativos consistem não somente de escrita e fala “verbais”, mas também de um contexto que influencia o discurso, então o primeiro passo para o controle do discurso é controlar seus contextos, como é tipicamente o caso de uma das formas mais influentes de discurso público, qual seja, o da mídia de massa (Van dijk, 2008. p, 18-19).

No cenário da propaganda e da publicidade, verifica-se a identificação de gêneros que contribuem para a disseminação de mensagens capazes de contemplar o telespectador, como é o caso das propagandas que fazem uso dos gêneros humorístico, emotivo, institucional, social e político. Esses gêneros têm como base a produção midiática construída em torno do contexto cultural no qual cada sociedade está inserida, considerando que cada uma possui formações diversas em relação aos costumes.

A proposta em tela busca realizar um levantamento das primeiras evidências de jornais impressos ilustrados no estado do Ceará, de modo que seja possível observar e compreender, de forma qualitativa e comparativa, as memórias e os modos de produção que contribuíram para elevar o nível das atuações e o comprometimento da imprensa ilustrada produzida na região Nordeste do Brasil. Pretende-se que os bolsistas sejam capazes de mapear a construção de um conjunto de imagens (iconografia) socialmente lidas como dominantes, publicizadas em peças publicitárias impressas, e compará-las com imagens visuais contemporâneas veiculadas em mídias audiovisuais.

O objetivo específico é estabelecer uma leitura de impressos editorados na região do Cariri cearense e, também, em estados do Nordeste como Bahia, Piauí e Ceará, justificativa que se sustenta na trajetória do proponente, considerando seu percurso ao longo do doutorado, pós-doutorado e ingresso na docência na pós-graduação, além da cronologia protagonizada por esses estados quanto ao surgimento do prelo e da imprensa ilustrada em cada um deles.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, a interação entre o passado e o presente constitui condição fundamental para a escrita de uma história permanentemente viva e voltada para a vida, permitindo ao historiador interrogar o

tempo de forma constante, a partir das fraturas e ausências do tempo presente. Para ele, “o historiador está submetido ao tempo em que vive” (Le Goff, 1994, p. 13).

Pierre Nora, também historiador francês, forneceu elementos importantes para interrogarmos esse passado, ao refletir sobre os processos de descolonização da Argélia, os quais fizeram emergir novos impulsos e necessidades de compreensão do tempo vivido. Esse tempo dos historiadores aproxima e distancia a história da memória, restabelecendo a importância de se pensar a história vivida com o tempo, em novas dimensões e tensões socioculturais, e com uma cronologia que não se ancore na ideia ocidental construída ao longo dos séculos XIX e XX. Para além de uma história factual, faz-se necessário compreender, por meio da emergência de novas fontes e metodologias, uma história viva (Nora, 1993).³

Nessa proposta, realizamos, ainda que de forma embrionária, um levantamento da imprensa ilustrada do estado do Ceará, com o objetivo de construir um arcabouço de imagens corporais que marcaram a construção de um ideal corpóreo para negros, brancos e indígenas. Esses impressos e seu conjunto de imagens são observados a partir de suas sincronias e diacronias contextuais e materiais: textos, imagens e a própria materialidade dos periódicos. Os contextos e as espacialidades citadas se conectaram e se distanciaram ao longo do processo histórico de formação sociopolítica e socioeconômica do país, especialmente no contexto das lutas abolicionistas e pós-abolicionistas, em espaços marcados por disputas econômicas, territoriais e tensões relacionadas à abolição do escravismo no Brasil.

Trata-se de uma pesquisa voltada para uma realidade recente, vivenciada por um público discente cada vez mais plural nas universidades, cuja importância histórica, social, política e acadêmica não pode ser negligenciada. Do ponto de vista acadêmico, vale ressaltar que, até o presente momento, não há pesquisas sistematizadas sobre o tema que tratem especificamente da imprensa ilustrada no Ceará e de suas representações corporais.

O aumento das pesquisas com temáticas raciais, desenvolvidas no Brasil, tem sido impulsionado pelo número crescente de ingressos e docentes negros nos

³ Para reflexões pontuais acerca da História do Tempo Presente, ver: (Rousso, 2016; Hartog, 2013; Koselleck, 2006; Didi-Huberman, 2015; Dosse, 2001; Fico, 2012; Loraux, 1992).

cursos de graduação e nos programas de pós-graduação, o que tem possibilitado a pluralidade de aplicação de novas metodologias, a partir da amplitude temática e de fontes voltadas à pesquisa acadêmica. Os temas têm saído da mera observação e leitura documental do passado escravista, e aglutinado o tempo presente, a partir das experiências das políticas de ações afirmativas, a compreensão da escravidão e da liberdade, as resistências e as múltiplas identidades, culturas e a contracultura. Nesse sentido, a proposta em questão se insere nesse novo campo temático da pesquisa acadêmica, na qual a imagem produzida pela imprensa se apresenta como sendo capaz de orientar um modo de enxergar o corpo e construir identidades nem sempre positivas sobre a negritude.

O alcance prático e reflexivo da produção de dados visuais no estado do Ceará nos permite conhecer o forjamento histórico da subalternização e da ideia de incapacidade atribuída às pessoas negras para se integrarem aos espaços institucionais. Sendo assim, como um dos resultados apresentados de forma inicial neste ensaio, buscou-se reconhecer experiências vividas ao passo em que se constrói uma história das representações dos corpos visuais e da corporeidade na imprensa ilustrada do Ceará.

Metodologia

O processo metodológico utilizado na pesquisa se estabeleceu a partir da análise de conteúdo, análise de discurso, história social e cultural, análise quantitativa e contextualização histórica. No primeiro momento fizemos um levantamento dos jornais ilustrados do Ceará e Cariri no século XIX, selecionando os tipos de impressão desses impressos, os arquivos foram extraídos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Depois da seleção, cada uma das três bolsistas escolheram, cada uma, um jornal para a análise do conteúdo. E, a partir das leituras procurar imagens impressas dentro desses jornais que retratam a população negra, muitas vezes representadas enquanto escravizadas como no caso do jornal *O Araripe*.

A partir da leitura de uma ampla referência bibliográfica, foi possível compreender, conforme nos ensinou José D'Assunção Barros, que uma abordagem ou prática historiográfica não pode se enquadrar dentro de um único campo (Barros, 2004). O autor explica que a lição que o esclarecimento do campo

ou da combinação de campos em que se insere um estudo não deve ter efeito paralisante, nem servir como pretexto para justificar omissões. Portanto, quando selecionamos os números levamos em conta uma porção de discursos presentes nos periódicos.

A partir das imagens encontradas, as bolsistas começaram a análise do contexto dessas imagens, além dos estudos do contexto da época para localizar as problemáticas no contexto da escravidão, já que algumas das imagens foram extraídas de anúncios de procura de escravizados e simbolizava um padrão estereotipado do escravizado, na padronização daquele indivíduo que naquele contexto de produção e circulação dos impressos ainda não era considerado humano. Além de investigar o teor político e cultural desses jornais e como seu conteúdo representava os interesses do período.

A análise utilizada durante todo o processo da pesquisa teve caráter exploratório, fundamentando-se em observações, na seleção de periódicos, de organizações e, principalmente, nas leituras dos conteúdos textuais e visuais que denunciavam o modo como os negros eram representados pelos discursos midiáticos no Ceará do século XIX. Os jornais utilizados na pesquisa foram: *O Araripe*, *A Voz da Religião* (1868-1870) e *Gazeta Cearense* (1829-1892).

O periódico *Gazeta Cearense* (1829–1892), apesar de não conter imagens figurativas em suas edições, apresentava em seus conteúdos textuais descrições que possibilitaram uma leitura sobre imagens abstratas. Durante todo o processo de pesquisa, seguimos um recorte temporal do contexto do século XIX, investigando os periódicos que estivessem alinhados à linha de pesquisa científica intitulada *Imprensa ilustrada e as questões raciais na cultura visual do Cariri cearense*.

A partir do nosso aporte teórico e metodológico, construímos uma leitura sobre a imprensa ilustrada e como as questões raciais na cultura visual do Cariri cearense se manifestaram por meio desses periódicos. Observamos que a relação do Cariri do século XIX com as imagens se deu de forma tardia e pouco utilizada. No entanto, os conteúdos textuais presentes nesses periódicos nos ofereceram uma nova ótica para a análise, permitindo compreender como essas informações eram utilizadas e qual o público-alvo. Nelson Werneck Sodré, em *História da*

Imprensa no Brasil, compreende a história da imprensa como a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. Ele destaca:

O controle dos meios de difusão de ideias e de informações — que se verifica ao longo desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido — é uma luta em que se aparecem organizações, pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações (Sodré, 1999, p. 1).

Os periódicos utilizados na pesquisa de iniciação científica foram extraídos da Hemeroteca Digital Brasileira – BNDigital. A imprensa ilustrada enquanto principal objeto de estudo, possibilitou evidenciar os acontecimentos que marcaram o século XIX no Cariri cearense. Os impressos eram direcionados, majoritariamente, a um público masculino e intelectualizado; no entanto, seus conteúdos escritos e figurativos eram difundidos e consumidos também por meio da oralidade, o que permitia o acesso de pessoas escravizadas e indivíduos sem alfabetização formal. Com base na sistematização dos dados obtidos nas fontes hemerográficas, foi possível coletar resultados significativos para o desenvolvimento desta pesquisa. Todo o processo investigativo foi construído por meio de leituras, delimitação temporal, análise de narrativas textuais, entre outros fatores que contribuíram para a elaboração deste artigo.

Tabela 1. Dados dos Impressos levantados

Impresso	1ª publicação	Última publicação	Local
<i>O Araripe</i>	1855	1864	Crato
<i>A Voz da Região do Cariri</i>	1868	1870	Crato
<i>A Gazeta Cearense</i>	1829	1892	Fortaleza

Florões, imagens e tipos

Imagem 1: Cabeçalho do Jornal *O Araripe*



O *Araripe* (1855–1864), em sua descrição, declara-se “destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça e propugnar pela fiel observância da lei e dos interesses locais”, sendo, portanto, um jornal de orientação liberal. Em suas publicações, podemos ler sobre acontecimentos da atualidade do mundo, do país e da província, além de anúncios de diversos tipos. Há também textos de cunho religioso, reclames públicos de leitores, cartas, poemas, anúncios do governo provincial, entre outros.

O recorte temporal adotado pela bolsista responsável por esse periódico compreende apenas dois anos, de 1855 a 1856, totalizando 75 publicações, nas quais, apenas no primeiro ano, pessoas escravizadas são mencionadas 14 vezes.

Tabela 2: Referente às publicações do jornal *O Araripe*

Ano	Número de Publicações
1855	25
1856	50
1857	49
1858	49
1859	32
1860	42
1861	26
1862	18
1863	-----
1864	25

Tabela 3: Referente às publicações mensais de *O Araripe* nos anos de 1855 e 1856

Mês	1855	1856
Janeiro	-	26,27,28,29,30
Fevereiro	-	31,32,33,34
Março	-	35,36,37,38
Abril	-	39,40,41,42
Maio	-	43,44,45,46
Junho	-	47,48,49,50
Julho	1,2,3,4	51,52,53,54
Agosto	5,6,7,8	55,56,57,58,59

Setembro	9,10,11,12,13	60,61,62,63
Outubro	14,15,16,17	64,65,66,67
Novembro	18,19,20,21	68,69,70,71
Dezembro	22,23,24,25	72,73,74,75

O Araripe apresenta ilustrações até a edição de número 51, publicada no dia 12 de julho de 1856. Até então, havia uma ilustração no rodapé, no topo da página de capa. Nessa figura é evidenciada a representação figurativa da corporeidade de um tipo indígena com roupas tradicionais. Em nenhuma edição, até onde a bolsista analisou, referente ao ano de 1856, há explicações sobre o motivo da escolha ou qualquer detalhamento da inspiração para a composição da figura. No entanto, consideramos que se trata da mascote a receber o nome do jornal *O Araripe*. Desse modo, compreende-se que aquela representação se trata de um indígena da etnia Araripe.

É importante salientar que, em nenhum momento desse recorte, há notícias que busquem informar sobre os povos nativos da região. Inclusive, nos censos realizados e divulgados pelo jornal, não se observa a presença de assentamentos indígenas. Os nativos da terra e as pessoas negras tampouco são documentados nesses censos demográficos, ao menos, não sob essas denominações. A historiografia brasileira e estrangeira a se debruçar sobre as fontes impressas produzidas no Brasil do século XIX evidenciam modos diferentes de nomear e identificar identidades, como o uso do termo negro da terra, que no século XVI, no Brasil, era utilizado para identificar os povos indígenas. Essas terminologias são modificadas ao longo do tempo, mas também é sabido que a cor da pele sempre figurou enquanto um importante marcador utilizado pelas elites para classificar as populações não-brancas.

É possível contar o número de aparições de sujeitos negros nesse período de dois anos analisados. Quando não se trata de notícias sobre escravizados fugidos, há apenas menções esparsas. Em *O Araripe* não há a preocupação com a conscientização sobre o corpo negro na sociedade da época, nem com o bem-estar dos escravizados, tampouco manifestava qualquer aversão em relação à escravização no Crato ou no Ceará. Era um jornal pago, voltado para pessoas letradas e, ressaltamos que, nesse período, era proibido que pessoas negras, tanto livres quanto escravizadas, frequentassem aulas em escolas da igreja ou no

período diurno. O jornal ainda se voltava à circulação de preceitos considerados moralmente corretos para a época. Portanto, não surpreende o fato de suas notícias se dirigirem a um público socialmente mais privilegiado.

A sistematização dos dados do jornal *Gazeta Cearense* teve como recorte temporal os anos de 1829 a 1892. O impresso é composto por conteúdos que abordam a conjuntura política do Império no século XIX. As imagens encontradas nessas publicações utilizam a técnica da xilogravura, uma forma de impressão que emprega a madeira como matriz para esculpir ou entalhar imagens. Nas edições analisadas, foram identificadas ilustrações do brasão imperial brasileiro, utilizado como logomarca. Trata-se de impressos centrados na estrutura política do período imperial, tema central das edições do *Gazeta Cearense*.

Apesar do extenso recorte temporal da *Gazeta Cearense*, as edições disponíveis na Hemeroteca são reduzidas. O ano de 1829, por exemplo, é representado por apenas quatro edições, enquanto de 1892 há apenas uma única edição. O salto temporal entre 1829 e 1892 é significativo e limitante, pois, caso houvesse um número maior de edições disponíveis, a análise poderia ter sido mais aprofundada, permitindo a estruturação para outras temáticas de pesquisa a partir desses impressos. No entanto, a escassez de fontes hemerográficas não inviabilizou a pesquisa, que obteve resultados relevantes, permitindo problematizar os lugares atribuídos a negros e brancos, suas representações e os discursos produzidos sobre esses corpos.

O jornal possui caráter informativo, abordando aspectos do cotidiano da Câmara dos Deputados do Império brasileiro, além de artigos oficiais, notícias estrangeiras, cópias de ofícios, correspondências, informações marítimas, registros de escravizados fugidos e diversos avisos.

Imagem 1: referente ao brasão do jornal *Gazeta Cearense*

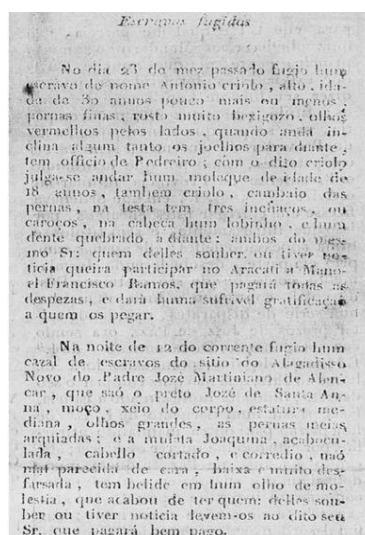


Ao longo da pesquisa, uma das edições analisadas permitiu desenvolver uma reflexão sobre a forma como os corpos negros eram apresentados nos informativos do jornal, considerando que nem todos os impressos trabalhados traziam esse tipo de informativos. A quarta edição, em particular, por meio de seu conteúdo textual, possibilitou compreender como os corpos negros eram vistos e retratados pelos discursos midiáticos, especialmente em um informativo inserido ao final da edição, referente aos *escravos fugidos*. O informativo em questão denuncia o olhar da branquitude do século XIX em relação a esses corpos, tendo como seu principal objetivo relatar a fuga de escravizados que buscavam escapar das condições precárias às quais eram submetidos no cativeiro.

Mediante ao conteúdo descritivo, analisamos que a corporeidade negra é apresentada como uma mercadoria, sem humanidade, sendo reduzida a um objeto que está à venda. A desumanização dos corpos negros, nesse contexto, é tratada com naturalidade, e as descrições presentes nesse informativo apenas confirmam a veracidade desse fato. Contudo, apesar de não possuir imagens ilustradas, o *jornal Gazeta Cearense* (1829–1892), por meio de seu conteúdo textual, apresenta a significação de imagens abstratas.

Tratava-se de um periódico voltado a um público masculino, intelectual e letrado, mas que também era consumido pelas massas por meio da oralidade. O *Gazeta Cearense* apresenta a imprensa cearense de forma politizada. Apesar de não conter imagens em suas edições, os impressos convidam o leitor, por meio da leitura textual, a mergulhar na construção de imagens abstratas (imaginadas mentalmente).

Imagem 2: *Escravos Fugidos*



A Hemeroteca Digital disponibiliza os dois anos de publicação do *Gazeta Cearense*, totalizando cinco edições. Trata-se de um jornal de fácil acesso, com conteúdo predominantemente textual e político, e com poucas imagens figurativas. A análise realizada para a sistematização dos dados tem como principal objetivo compreender os primórdios da imprensa ilustrada no Ceará do século XIX.

Os levantamentos foram compartilhados com o orientador que nos acompanhou durante todo o processo de pesquisa, facilitando a nossa compreensão acerca dos impressos do século XIX, com base no repertório e nas bibliografias utilizadas ao longo dos meses de vigência da bolsa de pesquisa. Vale ressaltar que esses resultados correspondem aos anos iniciais da pesquisa de iniciação científica.

Tabela: referente aos levantamentos de dados

Jornal	Ano de publicação	Mês	Nº de edições	Origem/País
<i>Gazeta Cearense</i>	1829	Abril	(03)	CE/Brasil
<i>Gazeta Cearense</i>	1829	Junho	(04)	CE/Brasil
<i>Gazeta Cearense</i>	1829	Junho	(07)	CE/Brasil
<i>Gazeta Cearense</i>	1829	Outubro	(12)	CE/Brasil
<i>Gazeta Cearense</i>	1892	Novembro	(15)	CE/Brasil

Palavras-Chave

Edição 03	Câmara dos deputados, Pátria, Brasil.
Edição 04	Ceará, Officio, Governo, Escravos fugidos.
Edição 07	Correios, Correspondência, Agências dos Correios.
Edição 12	Imperador, Brasil, Pátria, Eleitores.
Edição 15	Dom Pedro, Província do Ceará, Navegação, Cariri, Crato.

Considerações finais

O exercício de elaboração desse ensaio nos apresenta um delineamento inicial de uma proposta mais ampla: a de pesquisar a evidência visual da raça na imprensa ilustrada do Cariri cearense. Compreendemos que nosso trabalho até aqui é incipiente e demanda continuidade, a ser concretizada por meio da proposição de novas submissões de pesquisa. Não era nossa intenção produzir um ensaio esteticamente finalizado ou narrativamente bem estruturado, mas sim demarcar o campo da pesquisa em torno da imprensa ilustrada e das questões raciais, bem como apresentar esses impressos.

Pretendemos, em um exercício posterior, elaborar uma leitura crítica com descrição densa e analítica dessas imagens e seus suportes (os jornais), de modo que possam ser apresentados em sua integralidade e complexidade. Também buscaremos, a partir de uma narrativa linear, construir uma história do surgimento da imprensa ilustrada no Ceará, desde o aparecimento do *Diário*, considerado o primeiro impresso cearense produzido na Tipografia Nacional.

A pesquisa evidenciou que a imprensa cearense não se diferenciava dos jornais considerados hegemônicos de regiões como o Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. A imprensa ilustrada cearense reproduzia discursos racializados e conservadores, que naturalizavam a exclusão dos corpos negros ao mesmo tempo em que exaltavam os corpos não negros, atribuindo-lhes um valor civilizatório, moral e intelectual. O indígena, embora utilizado como mascote no cabeçalho do jornal *O Araripe*, também foi uma figura marginalizada e com pouca relevância nos editoriais publicados.

Negros e indígenas não tiveram relevância discursiva nos impressos analisados, nem integraram os debates sobre as agendas políticas e sociais da época na região do Cariri cearense. A omissão sobre os constantes levantes e resistências negras, bem como o tratamento dado aos corpos escravizados fugidos nos anúncios de fuga, venda e troca, denuncia o papel da imprensa como instrumento de produção de discurso e memória, ferramenta de controle e exercício de poder.

Mesmo sem imagens figurativas, a imprensa cearense do século XIX construiu narrativas racializadoras, operando por meio do poder centralizador de uma pequena elite. Os impressos *Gazeta Cearense*, *O Araripe* e *A Voz da Religião*

desempenharam um papel importante enquanto instrumentos de poder simbólico e discursivo, evidenciando a memória da elite europeia em formação no Brasil. Ao mesmo tempo, esses impressos atuaram para a reivindicação de um *status* de brancura, civilidade e deferência.

Fontes

GAZETA Cearense. Fortaleza: Typ. Nacional, 1829-1892. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/gazeta-cearense/770345>. Acesso em: 29 jun. 2025. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=770345>. Acesso em: 29 Jun. 2025.

O Araripe: jornal político e noticioso. Crato, CE: Typ. de Monte & Comp., 1855-1864. Disponível em: [bn.gov.br](http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=213306). Acesso em: 27 jun. 2025. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=213306>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2005.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-brasileiros.** São Paulo: Perspectiva, 1983.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Algo além do moderno: a mulher negra na pintura brasileira no início do século XX. **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 2, abr. 2009.

Disponível em: </> http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_maraliz.htm>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do Tempo:** História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

_____. **Devant l'image:** question posée aux fins d'une histoire de l'art. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo:** da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis - o caso brasileiro. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, no 47, p.43-59, jan/jun 2012. Disponível em:

[https://www.scielo.br/j/vh/a/P7RGYBDYn755mZRVGq3vGx/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/vh/a/P7RGYBDYn755mZRVGq3vGx/?format=pdf(=pt)
Acesso em 14 fev. 2025.

GOMBRICH, Ernest H. **Meditações sobre um cavaleiro de pau e outros ensaios sobre a teoria da arte**. São Paulo: Edusp, 1999.

GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade**: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEHMKUHL, Luciene; PEREIRA, Túlio Henrique. Corpos impressos: técnicas e visualidades na imprensa ilustrada. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PIAZZA, maria de Fátima Fontes; PETERLE, Patricia. **Arte e pensamento** – operações historiográficas. São Paulo: Edição Rafael Copetti Editor, 2016.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57-70.

KOSSELEK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC- Rio, 2006.

MARTINS, Leda. O que pode o corpo negro: uma introdução. In: TAVARES, Julio Cesar de. **Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas**: perspectivas etnográficas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

NORA, Pierre. Entre a memória e a História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, no 10, p. 7-28, dez, 1993.

PEREIRA, Túlio Henrique. **Que Coisa é essa, yôô?**: cor e raça na imprensa ilustrada da Bahia (1897-1904). 2016. 370 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

ROCHA, Napê. **Corporeidades encruzilhadas**: Paulo Nazareth e Cadernos Negros. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 51. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 617 p.

WARBURG, Aby. **O nascimento de Vênus e a primavera** – Sandro Botticelli. Lisboa: KKYM, 2012.

Túlio Henrique Pereira

Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social na Linha História e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com pesquisa no âmbito da História, Cultura, Imprensa e Representações Visuais da Arte no século XIX e XX. Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (Multidisciplinar) na Linha Memória, Cultura e Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente é professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), na cadeira de História Afro-Brasileira e Indígena e professor do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/URCA).

Débora de Lima Santana

Experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, abordando questões de racismo, políticas públicas e cultura visual. - Bolsista de Iniciação Científica (2017-2022) Projeto de Pesquisa: "As Novas Cores da Urca: O processo de implementação das políticas antirracistas através do ingresso de alunos cotistas nos cursos de graduação". Orientadora:* Prof. Dr Maria Telvira da Conceição. - Bolsista de Iniciação Científica Projeto de Pesquisa: "Imprensa Ilustrada e as questões raciais na cultura visual do Cariri Cearense. Orientador: Prof. Dr. Túlio Henrique Pereira. - Bolsista do Programa de Extensão Intitulado: Rádio Universitária da URCA - PROEX (2024).

Joyce Luanna Feitosa Felizardo

Graduada pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Pesquisa temas voltados a questões raciais especificamente afro-brasileira e suas representações no cinema brasileiro sendo intitulado "Sub-representação racial e a subversão da estereotipia no cinema brasileiro no século XX (1940 a 1959)". Bolsista FUNCAP todos os anos da graduação em áreas de estágio, extensão e pesquisa. Participa de grupos de estudos voltados a temáticas de raça, gênero, democracia e cinema como objeto histórico.
